COMPETIÇÃO E CONFLITOS PELO USO DE RECURSOS NATURAIS

Competition and conflitct through the use of natural resources

TALON, Bruno Cruz
Faculdade de Tecnologia César Lattes

Resumo: Os conflitos pelo uso dos recursos naturais são históricos. Desde o surgimento da vida na Terra, indivíduos da mesma espécie, e de espécies diferentes disputam espaço, comida, parceiros, etc. Esses conflitos, entretanto, ganharam nova face e magnitude com o surgimento das sociedades capitalistas. Desde então, muitas espécies foram extintas, e muitos seres humanos colocados à margem da sociedade, por não mais possuírem meios para competir. Como alternativa para o reestabelecimento da harmonia entre os homens, e entre estes e a natureza, surge um novo modelo de desenvolvimento, baseado no conceito e prática de sustentabilidade.

Palavras-chave: conflitos; recursos naturais; sustentabilidade.

Abstract: The conflicts over use of natural resources are historical. Since the dawn of life on Earth, conspecifics and different species compete for space, food, partners, etc. These conflicts, however, gained a new face and magnitude with the rise of capitalist societies. Since then, many species became extinct, and many people placed sidelined by society, by no longer having the means to compete. As an alternative to the re-establishment of harmony between men and between them and the nature, a new development model appears, based on the concept and practice of sustainability.

Key-words: conflicts; natural resources; sustainability.

Introdução

Há indícios de que a Terra se formou há 4,6 bilhões de anos e sem as características necessárias para o florescimento da vida. As mais antigas evidências fósseis que indicam a origem da vida na Terra datam de 3,9 bilhões de anos, entretanto somente há 600 milhões de anos, quando o nível de oxigênio se aproximou do atual, a vida se expandiu em várias formas (FOLADORI, 2001).

Os fósseis dos hominídeos mais primitivos conhecidos remontam de 3,5 milhões de anos (*Australopithecus afarensis*) e a diferença chave de seus parentes símios é sua posição erguida. O gênero *Homo* só surgiu um milhão de anos mais tarde e durante a evolução prosperou em relação ao *Australopithecus*. A evolução desta primeira linhagem do gênero *Homo* até o atual *Homo sapiens* é bastante duvidosa. Sabe-se que as principais mudanças ocorridas foram: a adoção de dieta onívora, a fabricação de instrumentos, o incremento do cérebro e o desenvolvimento da linguagem.

Com a fabricação de instrumentos, o gênero *Homo* começou a adaptar o meio ambiente às suas necessidades, e os acontecimentos e transformações, que até então eram medidos na escala de milhões de anos, passam a ser medidos em escala bem menor.

O *Homo sapiens,* em pouco tempo, se expandiu para todo globo terrestre e isso, desde esse começo, teve efeitos devastadores sobre certas espécies. Neste momento presenciava-se o surgimento de um ser soberano, que até hoje não encontrou competidores para superá-lo nas competições interespecíficas.

Em Ecologia são comuns termos como *luta pela sobrevivência* e *seleção natural*. O *Homo sapiens* só conseguiu colonizar todo o planeta porque foi mais capaz na luta pela sobrevivência, e devido a esta seleção natural, pela qual somente o mais capaz prospera, outras espécies foram extintas.

O naturalista Charles Darwin foi um dos primeiros a pesquisar a competição por recursos naturais. Em seus estudos com plantas e animais ele observou competições inter e intraespecíficas e, interessantemente, concluiu

que a luta pela sobrevivência é mais *encarniçada* quando travada entre indivíduos pertencentes à mesma espécie (intraespecífica).

O sistema de produção capitalista

Concomitantemente à colonização do Planeta e à prosperidade nas relações interespecíficas, o ser humano começou a competir intraespecificamente e, nesse caso, a luta pela sobrevivência passou a estar diretamente ligada à conquista e posse dos melhores meios de produção. Pode-se dizer que, com essa mudança, estava plantada a semente do sistema capitalista. Anos mais tarde, o capitalismo emplacaria como sistema hegemônico, e o que ocorreu a partir de então, nos permite dividir a história da competição por recursos em dois momentos: a.c. e d.c. – antes e depois do capitalismo.

As *sociedades pré-capitalistas* são marcadas por fortes vínculos e respeito com a natureza e com os seus congêneres. Os recursos obtidos junto à natureza são exclusivamente destinados à manutenção das necessidades básicas de moradia, alimentação e cultura e essa prática não oferece grandes riscos à manutenção da integridade das demais espécies. O sentimento de cooperação e união intraespecífica é marcante, e praticamente todas as atividades são realizadas em grupo e para o grupo. Seja em comunidades indígenas, quilombolas, caiçaras ou nas Comunas da China de antes da Coca Cola, não há competição e, desde que as regras sejam seguidas, todos os indivíduos serão realmente semelhantes perante a lei local.

Já as relações sociais capitalistas geram tendências de comportamento em relação ao meio ambiente e aos congêneres que lhe são peculiares. Com superioridade absoluta, estas sociedades não medem esforços para manter seus *luxos e caprichos*. A busca pelo crescimento econômico ilimitado consome inescrupulosamente a natureza e esta pilhagem de recursos se converte numa guerra de extermínio de muitos seres vivos, com algumas conseqüências que já são irreversíveis (FOLADORI, 2001).

 ISSN 1679-8902

Devido a essa acelerada degradação ambiental, resultado da disseminação dos meios de produção e consumo capitalistas, baseados na propriedade privada, no mercado e no lucro, a posse de recursos significa, mais do que nunca, poder e garantia de sobrevivência. A competição pelos recursos naturais se tornou incontrolável e transpôs a falta de respeito à natureza, atingindo também os seres humanos mais fracos política e economicamente. As sociedades pré-capitalistas, fracas quando comparadas ao poder do capital, estão sendo destruídas e seus integrantes se vendo obrigados a ocupar a margem desse desigual sistema.

Com a dissolução destas comunidades primitivas, a sociedade começa a ser distinguida em classes separadas e, por fim, antagônicas. A história de todas as sociedades que existiram a partir disso é a história de lutas de classes (MARX; ENGELS, 1998).

Os conflitos pela posse dos recursos naturais

Os conflitos pela terra são históricos e talvez sejam hoje os de maior evidência no Brasil. A reforma agrária é uma ação estratégica urgente e prometida há anos, mas pouco de concreto se fez nas ultimas décadas. Com as áreas urbanas superlotadas, as áreas rurais e inóspitas sem fiscalização, se tornaram o principal alvo das disputas. De um lado grileiros e latifundiários em busca de terras fáceis, e a agroindústria, representada por poucos já latifundiários, forçando a expansão agrícola para o interior das florestas e madeireiros e mineradores explorando objetos preciosos. De outro, os pequenos agricultores e as populações tradicionais tentando garantir a posse de seus espaços e os trabalhadores sem-terra lutando para conseguir algum.

Conflitos como estes, quando travados em ambiente rural, trazem conseqüências socioambientais globais irreversíveis. Fauna e flora são destruídas e muitas espécies extintas. Como conseqüência do desmatamento, o solo é carreado e acaba pobre, os rios e nascentes são assoreados e

contaminados e as emissões de gases estufa contribuem para que o clima global sofra mudanças drásticas.

As populações autóctones e agricultores familiares, que muito têm a nos ensinar sobre relações homem-natureza e homem-homem, vão se extinguindo à medida que seus *habitats* são destruídos ou tomados. Muitas vezes essas pessoas são expulsas de suas terras sob a ameaça de morte caso contrariem a ordem e outras são obrigadas a trabalhar em regime de quase escravidão.

Em fevereiro de 2005, uma missionária norte-americana que coordenava projetos locais de desenvolvimento sustentável no estado do Pará foi assassinada e comprovou-se que o mandante do crime foi um fazendeiro, interessado nas terras onde os projetos se desenvolviam. Infelizmente foi necessária a morte de uma norte-americana para que o problema ganhasse espaço na mídia. Somente nos anos de 2003 e 2004 foram registrados mais de cem assassinatos oriundos de conflitos no campo e pouco se fez para combater isso (PASTORAL DA TERRA, 2004).

Os conflitos apresentados e que representam maioria absoluta nas estatísticas, mostram a superioridade das classes dominantes em relação aos menos privilegiados economicamente. Em oposição a isso, é notável a atuação do movimento dos trabalhadores sem-terra, que há alguns anos vem realizando uma reforma agrária alternativa. Lutas e conflitos, às vezes violentos como defendia Marx, são as estratégias de invasão de latifúndios. O movimento cresce a cada ano e com isso crescem também as conquistas. Hoje, o movimento que possui milhares de adeptos por todo país possui uma boa estrutura e conta inclusive com uma universidade exclusiva. No âmbito urbano, merece destaque o movimento dos sem-teto. Seus integrantes são, em sua maioria, moradores de rua que, organizados, invadem edificações abandonadas nos grandes centros urbanos.

Ainda em relação aos conflitos pela terra, não se pode deixar de citar a luta pelos recursos florestais. O Brasil é o país com a maior biodiversidade vegetal do planeta e aqui estes conflitos têm peculiar amplitude.

As populações tradicionais possuem uma estreita relação com a floresta e seus recursos, utilizando-os como alimento, matéria prima para construção de moradias, medicamento, instrumentos culturais e religiosos e como instrumentos para caça e pesca. O conhecimento acumulado sobre as propriedades das plantas, passado de geração para geração, era exclusivo dessas comunidades até poucas décadas. Hoje esse tema é ensinado em livros e em universidades, sendo que muito pouco é verdadeiro. Além disso, o aguçado sentimento de competição presente na mente capitalista foi o suficiente para o surgimento de um novo crime – a biopirataria.

A biopirataria é um problema que nos afronta desde o descobrimento. Naquela época, só se parou de extrair o Pau-brasil porque não mais se encontrava essa madeira. Hoje, a busca por substâncias economicamente interessantes se acirrou e com os avanços tecnológicos também ficou mais fácil. Grandes corporações mundiais mantêm em nossas florestas *biopiratas*, que pesquisam e saqueiam substâncias que, transformadas em remédios, perfumes e outros incontáveis produtos, são comercializados no mercado mundial a preços extraordinários.

A biopirataria não se restringe aos vegetais. A ganância dos criminosos atinge também vários animais silvestres que são capturados e comercializados a preços que variam conforme a raridade da espécie. Outros animais são alvos de caçadores ou pescadores devido ao valor de suas peles ou de sua carne. Por isso, muitas espécies já foram extintas e outras tantas compõem a lista das ameaçadas.

Com a legislação vigente, com a deficiente fiscalização e com a visão capitalista de mundo, é natural que os conflitos por recursos naturais aconteçam.

A luta pelo controle dos combustíveis

Outro grande conflito ocorre pelo controle de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural), que têm sido as principais fontes de energia da

moderna era industrial. Estima-se que estarão esgotados por volta de 2300, e os efeitos econômicos e políticos desse declínio já estão sendo sentidos (CAPRA, 1982).

A luta pelo controle das últimas e maiores reservas de petróleo e gás natural do mundo é histórica. Entretanto, se dá pouco destaque à origem econômica de tais conflitos e prefere-se encontrar e destacar aspectos culturais, históricos e sociais que originaram os mesmos. Verdesio (2002), da UNB, é autor de uma brilhante análise de alguns grandes conflitos ocorridos nos últimos anos pelo controle dos combustíveis fósseis e propõe uma reflexão sobre as seguintes questões: Por que não é atingida a paz no Médio Oriente? Por que a Rússia arrasou a Chechênia? Foram somente conflitos étnicos e sociais mal resolvidos no passado que causaram o banho de sangue na ex-Iugoslávia? Por que os EUA intervêm militarmente no Afeganistão sem consultar a ONU? O telão de fundo desses conflitos foi e será o controle das fontes energéticas fósseis e não o que se divulga na grande mídia mundial.

Também o controle da água

Por último, vale também destacar os conflitos pelo uso da água, um recurso natural essencial para nossa sobrevivência e de todas as espécies que habitam a Terra. Sabe-se que um animal, incluindo o ser humano, pode ficar meses sem comer; mas poucos dias sem beber água e ele sucumbirá. Além disso, a água é crucial no atual modelo de produção da maioria dos produtos que necessitamos.

Os conflitos pelo uso da água são diversos e o que mais chama atenção, pelo número de casos pelo mundo, é o travado entre grandes empresas e as populações residentes no seu entorno. As empresas que engarrafam água são as líderes em denúncias de uso insustentável dos recursos hídricos. Há denúncias de que a maior empresa do setor de refrigerantes no mundo controla, ilegalmente, inúmeras reservas de água em vários países. Recentemente, em um fórum realizado no México, organizações não governamentais locais

 ISSN 1679-8902

denunciaram que essa empresa, com *uma mãozinha* do presidente, está tentando controlar as fontes de água em Chiapas, a principal zona de reserva de água do México.

Na Índia, os habitantes levam sobre a cabeça, latas pesadas de água potável que eles precisam buscar bem longe, enquanto caminhões cheios de refrigerantes saem das usinas de duas empresas do setor, que juntas possuem noventa usinas no país. Dessas, cada uma extrai entre 1 milhão e 1,5 milhão de litros de água por dia. Não bastasse essa usurpação de água coletiva, essas empresas, não raramente, lançam dejetos tóxicos que ameaçam o meio ambiente e a saúde pública.

É parecido o problema enfrentado pela população ribeirinha do Rio Uruguai, na fronteira do país homônimo com a Argentina. O ex-presidente do Uruguai, Jorge Batlle, aprovou, em 2003, nas vésperas de perder as eleições, a construção de duas usinas de papel e celulose (a espanhola ENCE e a finlandesa MatseBotnia) que foram retiradas de seus paises por contaminarem a água e provocarem câncer nas pessoas.

No Brasil, também temos problemas semelhantes. Há alguns anos, uma grande empresa do setor alimentício vem utilizando os poços de água mineral de São Lourenço para fabricar uma água de seu rol de produtos. O ritmo de bombeamento está acima do permitido e o terreno do Parque das Águas de São Lourenço está afundando devido ao comprometimento dos lençóis subterrâneos. Dois poços minerais da região já secaram e toda a região do sul de Minas está sendo afetada. Para fabricar essa água, a empresa a desmineraliza e acrescenta sais minerais de sua patente. A desmineralização de água é proibida pela Constituição Federal e, durante anos, a empresa operou sem licença estadual, que curiosamente finalmente foi obtida no início de 2004. Curioso também é a estreita relação entre essa empresa e o programa federal Fome Zero, e o fato de a mídia sempre esconder ou não fazer questão de divulgar estes fatos.

Transições sociais

Partindo do pressuposto de Capra (1982), que acredita que a sociedade está passando por uma transição social, como outras já ocorridas, temos dois pensamentos opostos pertinentes ao assunto: um de Marx e outro do próprio Capra. Marx defendia a necessidade de conflito, de luta e de revolução violenta como agente transformador da sociedade; Capra, por outro lado, adepto do pensamento chinês *(I Ching)*, é contrário a esse pensamento e acredita que o conflito deve ser minimizado em épocas de transição social.

Esta transição social marcada por crises e conflitos em várias esferas trata-se, na opinião de Boff (1999), de uma crise decorrente do modelo de sociedade que criamos durante os últimos 400 anos. Não faltam críticas a este modelo, mas três se destacaram entre as demais: a dos movimentos de libertação dos oprimidos, a dos movimentos pacifistas e a dos movimentos ambientalistas. Tantas críticas resultaram na proposta de um novo modelo de desenvolvimento planetário, baseado na sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Este conceito de desenvolvimento sustentável só fará sentido à medida que nos impelir a lutar por uma sociedade mais equilibrada e racional, não somente nas relações homem-natureza, mas, sobretudo, nas relações homem-homem (RATTNER, 1992). Deve-se inclusive adotar este novo paradigma como pressuposto básico para formulação de políticas públicas e, concomitante a isso, a fiscalização deve ser aprimorada para que tais políticas sejam realmente cumpridas e viáveis.

Considerações finais

Diante do apresentado, cabem algumas reflexões.

Primeiro: conflitos são concomitantes ao surgimento da vida na Terra e o agravamento deles se deu com o surgimento do gênero *Homo*, que sendo capaz de fabricar instrumentos, modificou os rumos da seleção natural. A partir

desse momento, aqueles que, por quaisquer motivos, adquiriram mais ou melhores meios de produção, são os que terão mais chances de prosperar.

Segundo: as sociedades capitalistas que surgiram a partir de então, com os seus meios de produção e consumo, não se preocupando com a necessidade de se manter relações harmoniosas com a natureza e com seus congêneres, degradaram o meio ambiente, diminuindo a disponibilidade de recursos e, consequentemente, intensificando os conflitos.

E terceiro: diante dessa crise generalizada, surge uma alternativa de desenvolvimento que enfatiza a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Este modelo ressalta a necessidade de participação social na busca de uma sociedade mais equilibrada e racional, para que não mais sejam necessários tantos conflitos.

Referências

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOLADORI, G. **Limites do desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

HENFIL. **Henfil na China: antes da coca-cola**. Rio de Janeiro: Coderci, 1981.

LEFF, E. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MMA Ministério do Meio Ambiente / IDEC Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. **Consumo Sustentável: manual de educação**. Brasília: MMA / IDEC / Consumers International, 2002.

ODUM, E. P. **Ecologia**. São Paulo: Pioneira, Brasília: INL, 1975.

Pastoral da Terra. **Conflitos no Campo Brasil 2004**. Brasília: Pastoral da Terra, 2004.

RATTNER, H. **Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, janeiro/junho 1992.

VERDESIO, J. J. **Conflitos no Médio Oriente**. Brasília: Correio Braziliense, 28/01/2002.